

NO CÉU DA AMAZÔNIA HÁ ALGO A MAIS QUE AS ESTRELAS: o *Chupa-Chupa* e as notícias do fantástico

In the sky of the Amazon there is something more than the stars: The Chupa-Chupa and the news of the fantastic

En el cielo del Amazonas hay algo más que las estrellas: el Chupa-Chupa y las fantásticas noticias.

Ana Leticia Lopes Tostes¹

Luiz Cezar Silva dos Santos²³

RESUMO

Este artigo analisa a presença do fantástico em relatos noticiosos dos jornais *O Liberal*, *O Estado do Pará* e *A Província do Pará* a partir de uma pesquisa documental por meio da coleta e análise de três matérias jornalísticas, uma de cada veículo, sobre a aparição de “luzes extraterrestres”, ou *Chupa-Chupa*, como ficou popularmente conhecido, nos céus da capital (Belém) e do interior do estado do Pará no período de outubro a novembro de 1977. Amparando-se no fantástico na literatura, onde seu conceito é mais bem definido, procura compreender como este manifesta-se na narrativa jornalística e suas características linguísticas. Enfim, o fenômeno das “luzes no céu” revela uma força elocutiva das notícias que vai além do ato de informar e os mecanismos de autenticação narrativa desses relatos recheados de significações, dando aos jornais uma certa licença poética ao trabalhar com um tema que foge da cotidianidade e leva o leitor a experienciar o medo do desconhecido.

PALAVRAS-CHAVE: Fantástico; Chupa-Chupa; comunicação; narrativa.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia/PPGCOM da Universidade Federal do Pará e graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade da Amazônia (Unama). E-mail: lettostes@gmail.com

² Doutor em História pela PUC/SP, Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG e graduado em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Pará. E-mail: lzcezarp@gmail.com

³ Endereço de contato com os autores (por correio): Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia. Av. Augusto Correa, 01, Guamá. CEP: 66075-110. Belém, PA – Brasil.



DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2526-8031.2020v4n1p58>

ABSTRACT

This article analyzes the presence of the fantastic in news reports from the newspapers *O Liberal*, *O Estado do Pará* e *A Província do Pará* based on a documentary research through the collection and analysis of three journalistic articles, one from each vehicle, about the appearance of extraterrestrial lights, or Chupa-Chupa, as it became popularly known, in the skies of the capital (Belém) and the interior of the state of Pará in the period from October to November 1977. Based on the fantastic in literature, where its concept is better defined, seeks to understand how it manifests itself in the journalistic narrative and its linguistic characteristics. In short, the phenomenon "of lights in the sky" reveals an eloquent force of news that goes beyond the act of informing and the mechanisms of narrative authentication of these stories full of meanings, giving newspapers a certain poetic license when working with a theme that escapes everyday life, leading the reader to experience the fear of the unknown.

KEYWORDS: Fantastic; Chupa-Chupa; communication; narrative.

RESUMEN

Este artículo analiza la presencia de lo fantástico en los informes de noticias de los periódicos *O Liberal*, *O Estado do Pará* e *A Província do Pará* en base a una investigación documental a través de la recopilación y análisis de tres artículos periodísticos, uno de cada vehículo, sobre la aparición de luces extraterrestres, o Chupa-Chupa, como se hizo popularmente conocido, en los cielos de la capital (Belém) y el interior del estado de Pará en el período de octubre a noviembre de 1977. Basado en lo fantástico de la literatura, donde su concepto está mejor definido, busca entender cómo se manifiesta en la narrativa periodística y sus características lingüísticas. En resumen, el fenómeno "de las luces en el cielo" revela una fuerza elocuente de las noticias que va más allá del acto de informar y los mecanismos de autenticación narrativa de estas historias llenas de significados, otorgando a los periódicos una cierta licencia poética al trabajar con un tema que escapa a la vida cotidiana, lo que lleva al lector a experimentar el miedo a lo desconocido.

PALABRAS CLAVE: Fantástico; Chupa-Chupa; Comunicación; narrativa.

Recebido em: 12.11.2019. Aceito em: 12.12.2019. Publicado em: 03.01.2020.

Em 1977, pacatas cidades do interior do estado do Pará viveram momentos de pânico e terror com a suposta aparição de estranhas luzes paralisantes vindas de objetos voadores não identificados (OVNI's) que sobrevoavam céus, queimando, chupando o sangue, e até mesmo levando a óbito algumas de suas vítimas.

O fenômeno conhecido popularmente como "Chupa-Chupa" foi um dos mais instigantes acontecimentos ufológicos do Brasil, levando a Força Aérea Brasileira (FAB) a realizar a maior e mais importante investigação feita até hoje no país sobre presença de seres extraterrestres em ares brasileiros. Sob o nome de Operação Prato, os militares da FAB passaram quatro meses acampados no estado capturando imagens e realizando diversos relatórios sobre os fenômenos que assombravam os moradores de Belém e dos municípios onde houve relatos do ataque.

A referida operação teve como pano de fundo a ditadura militar, que pretendia "integrar para não entregar" a

região amazônica, buscando o desenvolvimento da região através do Plano de Integração Nacional (PIN). O governo buscava garantir a soberania brasileira nas fronteiras e assentar famílias vindas do Nordeste em um projeto de colonização e agricultura de subsistência. A base do projeto seria a construção de duas rodovias na Amazônia, a Transamazônica, e a Cuiabá-Santarém.

Os três principais jornais diários da cidade de Belém em 1977 - *A província do Pará*, *O Estado do Pará* e *O Liberal* - ao mesmo tempo que se dedicavam a falar de política e economia de um Brasil que caminhava lentamente ao progresso e à liberdade de imprensa com o fim do AI-5, estampavam em suas páginas os relatos sobre os acontecimentos sobrenaturais em cidades do interior do estado e na capital no período de outubro a novembro de 1977, tempo em que os fenômenos foram mais relatados no Pará.

O jornalismo, em teoria, não é um terreno fértil para a existência do fantástico e da imaginação, a história deve sempre estar a serviço da objetividade e

da verdade. Na prática, porém, está constantemente relatando o absurdo, o inusitado e o misterioso, como no caso da narrativa do "Chupa -Chupa".

A notícia opera sobre relatos de acontecimentos e se seduz facilmente pela exceção e a inversão da normalidade. Motta (2006) afirma que se não existe transgressão na realidade, não há notícia. Assim, demonstra que fenômenos estranhos flertam com o jornalismo e através do insólito, uma qualidade dos fenômenos da natureza e das relações humanas, atraem a atenção e se inserem nos valores-notícias. Nas páginas do jornal, as manifestações da estética do fantástico aparecem com características diferentes em relação à literatura, cinema, arte ou pintura.

Quando acontecimentos que fogem da realidade chegam aos jornalistas contemporâneos, eles costumam receber uma maior licença poética e utilizam de jogos de linguagem, criando um campo de mistério que provoca o leitor. O jornalista se libera das amarras da normalidade e objetividade e, ao noticiar o fantástico,

muda sua postura narrativa criando um interessante e rico jogo de contrários entre *mythos e logos* (MOTTA, 2006).

Este artigo foi desenvolvido metodologicamente por uma pesquisa documental através da análise e coleta de matérias dos jornais *A Província do Pará*, *O Liberal* e *O Estado do Pará*, encontradas no endereço eletrônico operacaooprato.com, sobre o fenômeno do *Chupa-Chupa* no estado do Pará. Foi escolhida uma matéria de cada veículo de comunicação com sua abordagem própria a esses relatos do fantástico.

Sendo assim, nossa argumentação nesse artigo passa pela noção de narrativa jornalística, que nos permitirá abordar o jornalismo à luz da problemática das narrativas; em seguida iremos buscar entender o que é uma narrativa fantástica e investigar sua relação com o jornalismo por meio da análise dos relatos publicados em *A Província do Pará*, *O Liberal* e *O Estado do Pará*.

O jornalismo impregna-se de mistério: a configuração narrativa das notícias do fantástico

Mieke Bal é utilizada por Luiz Gonzaga Motta em *Notícias do Fantástico* (2006) para elucidar a teoria narrativa. Para Bal (2001), o texto narrativo é aquele em que um agente relata uma narração através da linguagem, signos linguísticos. Portanto, uma mesma história pode ser contada e recontada de diversas maneiras, como em uma imagem, um texto, um áudio, etc., ou seja, a linguagem, o que foi expresso, é o texto narrativo, mas não o texto em si. Sua essência está nos acontecimentos lógicos e cronológicos nos quais os personagens da história estão inseridos, sendo causadores ou experimentadores destes. A narração é, então, um processo representativo de eventos de uma dada ação temporal que estimula a imaginação, a diegese da história (MOTTA, 2004).

Paul Ricoeur (1994) constituiu o paradigma narrativo na associação entre intriga e tempo. Ele entende as narrativas como um meio de reconfiguração da

confusa experiência temporal a partir do paradoxo sobre o tempo presente nas "Confissões de Santo Agostinho" e da reflexão narrativa da mimese, presente na "Poética" de Aristóteles. O caráter temporal da experiência humana é importante meio para se buscar a identidade do texto narrativo, pois em toda narrativa há sempre um mundo temporal. Para o autor, o tempo torna-se humano na medida em que o articula de modo narrativo.

Ricoeur (1994), em seu trabalho, expõe que a identidade de um texto narrativo está na tessitura da intriga, que corresponde ao agenciamento dos fatos em sistema, ou seja, é a atividade de integrar os fatos temporalmente dispersos de uma história, atividade considerada fundamental pelo autor. Esse agenciamento também pode ser compreendido como uma "síntese de heterogêneo", pois os fatos temporalmente dispersos em uma história serão integrados à narrativa. Assim, duas dimensões temporais serão combinadas ao tecer uma intriga, uma cronológica e

outra que constitui a unidade configuradora de uma sucessão, ou seja, não cronológica. A tessitura da intriga deve articular com coerência a concordância, o inteligível, o verossímil, entre o que é, inicialmente, discordante disperso e irregular.

A partir da percepção de que o ato de representar a ação pela narrativa se dá de acordo com o substrato ético social - conhecimentos, valores, posições, ideias - que está presente no mundo histórico de quem narra e de quem recebe esse diálogo, Ricoeur (1994) elabora a tríplice *mimese*.

A composição da intriga é considerada pelo autor como uma dimensão de ato da *mimese*, sendo esta última entendida como a representação da experiência prática. Quando se refere à *mimese*, Ricoeur se afasta do conceito platônico, o qual remete à imitação das coisas no sentido de falsificação.

O ciclo da *mimese* se fecha no receptor, quando o texto encontra seu público. Não se trata simplesmente de receber a narrativa, mas de um processo

no qual o receptor dialoga, se desloca e a reconfigura.

A dinamicidade da intriga possibilita com que os seus elementos não possam ser tomados independentemente. Ao mesmo tempo em que a narrativa ordena, ela também provoca deslocamentos e desequilíbrios. O dinâmico processo da discordância na concordância, sugerida pela composição da intriga, comporta a reviravolta, a surpresa, o mistério, o estranho, e sobrenatural, por isso, requer criatividade e capacidade imaginativa.

As narrativas do jornalismo contemporâneo constituem importantes agentes na construção social da realidade e desempenham papel fundamental na afirmação da ordem social. Elementos lógicos são montados em uma narrativa de modo a realizar essa afirmação buscando objetivar o mundo epistemologicamente incoerente e misterioso. Segundo Nuno Manna (2013, p. 205):

É preciso olhar para além desse diagnóstico de um jornalismo baseado numa aparente hipervisibilidade que institui um

mundo onde não parece haver partes de sombra.

A reafirmação da normalidade do jornalismo de referência cria uma certa tensão, um mal-estar, com suas tentativas de domesticar o desconhecido e controlar o incontrolável. O fantástico surge nesse cenário como um espectro, desestabilizando a segurança das narrativas jornalísticas e assombrando a normatividade. Para buscar entender e revelar essa tensão criada, é importantíssimo que se entenda como se constitui a narrativa.

No jornalismo, elementos lógicos são utilizados para organizar o caos social, de forma a, ainda, alargar o âmbito cultural do indivíduo. A relação entre o jornalismo cotidiano e a narrativa é complexa, em parte porque os próprios jornalistas costumam negar a qualidade narrativa dos seus relatos, vendo-os como simples registros do real para fortalecer seu compromisso com a precisa descrição dos fatos. Mas a narratividade se estabelece na articulação entre as três mídias na dinâmica comunicacional e o jornalismo, a partir de suas narrativas,

estabelece um processo de mediação com o conjunto social. Então, é preciso entender que há algo além da notícia (MOTTA, 2006).

Ao ser produzido, um texto destaca-se do domínio do autor e passa a ser de domínio da interpretação do receptor. Não mais cabe ao autor definir quais os sentidos das informações inseridas no texto, mas, sim, ao receptor, que, diante da sua compreensão de mundo, atribui significância ao que lê. Portanto, os relatos jornalísticos que transgridam conhecimentos institucionalizados sobre a vida e o mundo ou que violem a ordem esperada de acontecimentos em uma dada realidade, surpreendem, espantam e chocam. Ao fazê-lo ativam processos cognitivos e simbólicos que vão além das intencionalidades de quem produz e de quem consome.

O jornalismo permite implícita ou explicitamente que o fantástico venha habitar de maneira contraditória seus enunciados e estimula os leitores a interpretar muito além do sentido

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2526-8031.2020v4n1p58>

informativo pretendido. Contraditória porque, para Motta (2006), a linguagem é uma estrutura racional que ordena a realidade, e o jornalismo, teoricamente, é o lugar da racionalidade, enquanto o fantástico é seu contrário, é uma manifestação de algo considerado irreal e que não pertence ao mundo familiar.

O fantástico aparece no jornalismo a partir de uma série de temas relacionados a tudo que é estranho e transgressor da normalidade, com acontecimentos extraordinários que vão além da compreensão humana. É difícil encontrar uma definição fechada sobre o que é o fantástico, a sua explicação e compreensão são difíceis em razão da ampla gama de conceitos e fenômenos que ele aborda, além de sua experiência ocorrer de maneiras diferentes e intensidades distintas. É mais comum que o fantástico seja visto como uma manifestação ou expressão do sobrenatural, do inverossímil e misterioso. Motta (2006) entende que o fantástico pode ser uma experiência estética ou emocional que se manifesta através de um

estado de espanto ou assombro quando em contato com fatos ou relatos de algo inverossímil, que rompem com o universo ordenado e familiar, e que desestabilizem o mundo físico. Exemplificamos a seguir com uma manchete de cunho fantástico.

Figura 1- Manchete de *O Estado do Pará*



Fonte: Jornal *O Estado do Pará*, 25 de junho de 1978 (<https://www.operacaooprato.com>)

Para tentar explicar o fantástico, recorreremos à literatura, onde seu conceito é mais explorado e consolidado, mesmo que haja diferenças entre a narrativa literária e a jornalística. Os elementos estéticos da literatura podem aparecer nos relatos jornalísticos e permitem a

exploração do insólito como valor-notícia. Ambos são relatos, escrituras, que trabalham com o inverossímil, necessitam do envolvimento do receptor; então, a linguagem literária pode servir de padrão para se entender o que é fantástico, sobrenatural, horror e medo e como essas características aparecem na linguagem textual (MOTTA, 2006, p. 82).

O autor francês Charles Nodier é considerado o pai das reflexões teóricas acerca do fantástico. Em 1830, lançou *Du Fantastique en Littérature* onde busca explorar as manifestações fantásticas na literatura. Para o autor, os elementos fantásticos da literatura estão intimamente ligados com a cultura de cada produtor literário, referindo-se as suas experiências vividas, compreensão do mundo e de aspectos e conceitos científicos reconhecidos no momento da produção de cada narrativa.

O teórico búlgaro Tzvetan Todorov (1975) também possui um extenso estudo sobre as teorias do fantástico. Para ele, o fantástico na literatura é

(...) um fenômeno estranho que pode ser explicado de duas maneiras, por

tipos de causas naturais e sobrenaturais. A possibilidade de vacilar entre ambas crias o efeito fantástico (TODOROV, 1975, p.16).

Quando um ser que só conhece o real e as leis naturais se encontra diante de uma experiência que infringe a racionalidade e a cientificidade, ele terá uma experiência fantástica. A hesitação entre o natural e o sobrenatural, real e ilusório para um ser que só conhece as leis naturais perante um acontecimento sobrenatural, formaliza o fantástico literário.

Todorov (1975) também sugere que a experiência fantástica pode ser interpretada como um ponto de vista, porque o que não for de conhecimento coletivo torna-se digno de dúvida. Desta forma, ele esclarece que pode realmente haver um fato desconhecido que, por não ter uma explicação formal, torna-se misterioso, ou, realmente, tal fato desconhecido é fruto da imaginação. Ele reforça essa ideia dizendo que o diabo, culturalmente aceito como uma figura fantástica, pode realmente existir, tendo a

fama de ser imaginário justificada por poucas pessoas terem o visto.

Outro autor que buscou refletir sobre a teoria fantástica na narrativa foi Howard Phillips Lovecraft que em sua obra *O Horror Sobrenatural na Literatura (2008)* define a literatura fantástica como aquela que provoca medo e assombro do desconhecido. Lovecraft (2008) entende que o homem é um ser curioso que se fascina com o que não conhece e sente-se instigado a descobrir os perigos e as incertezas do mundo. Para ele, a narrativa fantástica está fadada a criar uma atmosfera de terror sufocante que cria autenticidade e sustentação para a trama a ser contada, com forças inexplicáveis e fora do mundo terreno. A força atmosférica criada na narrativa iria, conforme o leitor se aprofundar na leitura, misturando-se com o organizado mundo real, criando um caos, mesmo que fosse só por pouco tempo, na mente de quem lê o conto de horror.

Nossa atenção agora recai sobre o amplo campo do simbólico e da imaginação, aspectos que estão

fortemente ligados com as recepções das notícias do fantástico. O antropólogo catalão Lluís Duch (1998, 1999) é a referência de Luiz Gonzaga Motta (2006) e será também para este artigo.

Sua argumentação parte do princípio de que o mito é parte inalienável e indestrutível de nossa história, contendo uma mescla vasta e difícil de distinguir de elementos míticos e lógicos. Sendo assim, diante de leitura de uma notícia, por mais objetiva que seja a sua escrita, podem surgir interpretações simbólicas a partir daquele relato.

Falar de imaginário, mitos e lendas requer que, primeiramente, se entenda que esses são fenômenos de natureza coletiva e social. Sua manifestação se estende para todos os domínios, saindo da esfera individual e privada e circulando através da história, das culturas e dos grupos sociais. Esse aspecto coletivo é chave para entender a sua relação com a comunicação social e sua manifestação no jornalismo.

A representação de um imaginário coletivo através da mídia neste artigo

parte da teoria de Gilbert Durand (1998), o qual busca um olhar mais positivista para o imaginário, deixando de lado as concepções mais hostis como oposição ao real, ilusão, fuga da racionalidade, falsidade. Gislene Silva (2010, p. 246) explica que essa visão hostil do imaginário se dá em razão do ambiente atual, pautado contra estudos do imaginário e do fantástico, vistos como crenças arcaicas e recolhidas ao mundo das artes.

A sociedade contemporânea tem sua vida cotidiana pautada pela imagem, principalmente pelas imagens da mídia. Sendo imagem a manifestação sensível do abstrato, ou do invisível, "algo próximo de imagem literária, afetada pela psique, pelo consciente e inconsciente, pelos devaneios e sonhos" (SILVA, 2010, p. 245; SILVA, 2018; SEIXAS, 2018). Michel Maffesoli (1998) acredita que não é a imagem que produz o imaginário, e sim o contrário. A imagem é o resultado e não o suporte.

A partir do imaginário como um vínculo social, e como instigador de processos mentais, temos a presença do

imaginário ao longo da história humana, onde o mesmo está presente no passado e no presente. Observamos elementos mitopoéticos em diversas culturas, como religiões, onde o homem continua a acreditar nas mesmas, ou novas, divindades de outrora.

Postas de forma palpável, para quem dominasse a leitura e tivesse acesso, as informações do imaginário popular tornaram-se um conteúdo presente até a atualidade, conservando informações históricas agregadas a elas. Livros, revistas especializadas no tema existem hoje pela conservação dessas informações.

Aliens nos céus do estado, o *Chupa-Chupa* e sua cobertura jornalística em Belém

Documentos militares sobre o fenômeno continuam sendo guardados sob sigilo pela Força Aérea Brasileira (FAB) e pelo Serviço Nacional de Informações (SNI), mesmo que alguns tenham sido liberados, os mais importantes, como as filmagens, ainda se encontram indisponíveis para acesso público. Quem

viveu no período e foi vítima das luzes afirma veemente que fomos visitados por seres extraterrestres pela falta, para eles, de explicação médica e científica sobre os ataques.

Especialistas em Ufologia, a ciência que estuda os OVNIs, consideram a suposta visita extraterrestre no município de Colares (PA) o maior fenômeno ufológico do mundo em razão da quantidade de vítimas e testemunhas que afirmam ter visto os discos voadores, e da vasta cobertura na imprensa paraense sobre o fenômeno. O *Chupa-Chupa* levou a imprensa da capital paraense ao interior do estado, a cidades pacatas e de difícil acesso, e sem destaque do ponto de vista da noticiabilidade, como Colares e Vigia, para as capas dos jornais do Pará e do mundo.

O período de outubro a novembro de 1977 foi o que teve mais atenção por parte da imprensa paraense ao fenômeno. Desde pequenas notas nos cadernos principais a matérias repletas de detalhes,

fotografias e ilustrações, é notável o crescimento dos relatos sobre os OVNIs na imprensa diária local. A primeira matéria escolhida para este artigo foi publicada em *O Liberal*⁴. O jornal era composto por 2 cadernos com cerca de 35 a 45 páginas, publicado de segunda a sábado, e de 4 cadernos com uma média de 100 páginas aos domingos.

O primeiro caderno era majoritariamente composto por notícias locais e da região amazônica, seguido por acontecimentos importantes no País e apenas uma seção de notícias internacionais. A página 3 é clássica, pois permanece até hoje dedicada a mais importante coluna do periódico, a Repórter 70. Um espaço sobre política, negócios e administração no estado. Havia ainda a coluna de Vera Cardoso, com informações de personalidades e acontecimentos da sociedade paraense.

As duas, ou três, últimas folhas do primeiro caderno de *O Liberal* eram sempre dedicadas às notícias policiais, aos

⁴ O mais antigo jornal impresso ainda em circulação no Pará, com 74 anos de existência. Sua primeira edição foi em 1946 e buscava ser um meio de propaganda do

Partido Social Democrata, na época chefiado por Magalhães Barata, sendo palco diariamente de brigas políticas e partidárias com seus adversários.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2526-8031.2020v4n1p58>

horrores do cotidiano, assassinatos, roubos e, algumas vezes, ao *Chupa-Chupa*. Contudo, ao final foram publicadas sete matérias sobre o fenômeno, de outubro a novembro de 1977, distribuídas em seis edições do periódico.

O segundo caderno, majoritariamente dedicado ao esporte, trazia quase sempre destaque para os dois principais times do estado, Remo e Paysandu. Em seguida, a parte de entretenimento, com os principais lançamentos e a programação nos cinemas de Belém, e notícias relacionadas à televisão nacional, além de dois outros colunistas sociais. Por último, os Classificados de *O Liberal*. As páginas de anúncios classificados são um importante negócio para o jornal, que cobrava pelo espaço, e para os leitores que tinham um meio diário de procura por bens, serviços e produtos.

Em um sábado, 8 de outubro de 1977, o periódico trouxe em sua seção de Polícia uma matéria com o seguinte título, *Bicho Sugador ataca mulheres e homens em povoado da Vigia*.

Figura 2 – O Liberal



Fonte: Jornal *O Liberal*, 08 de outubro de 1977 (<https://www.operacaoprato.com>)

O foco da notícia é o “bicho voador” ou “bicho sugador”, nome dado pelos moradores de Vigia, que teria provocado uma série de ocorrências fora do ordinário no cotidiano desse município. Na matéria em questão, a ocorrência foi na Vila Santo Antônio de Umbituba, povoada por pouco mais de cem pessoas. Os moradores estavam sendo atingidos por luzes brancas que os imobilizavam por cerca de uma hora, e sugavam sangue dos seios das mulheres. De acordo com o relato, a preferência do “bicho voador” era pelo sexo feminino, mesmo que alguns poucos homens tenham sido atingidos.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2526-8031.2020v4n1p58>

Algumas vítimas relatam à reportagem como foram atacadas, esclarecendo que até mesmo de dia é possível que o “bicho voador” procure vítimas. Uma testemunha conseguiu ver por frestas da janela de sua casa dois seres extraterrestres saltarem de uma nave e se deslocarem ao local onde haviam atacado uma mulher.

A reportagem do jornal *O Liberal* ressalta que todos os moradores da Vila confirmaram as aparições, até mesmo o comissário de polícia, e o prefeito da cidade de Vigia não sabia quais providências tomar devido ao pânico causado pelas aparições e por recentes mortes causadas pelo *Chupa-Chupa* em Igarapé-Açu, outro município do estado do Pará.

Em plena década de 70, fica claro que uma reportagem como essa causou desconforto e medo no leitor diante do desconhecido e assustador. Neste caso é fácil reconhecer no texto a presença do

fantástico como o conceituado por Todorov (1975). O escritor explica que o fantástico pode ser uma experiência de um ser que só conhece o real, ou as leis naturais, diante de um acontecimento que não possui explicação racional, ou científica, como o sobrenatural, neste caso, a presença de seres supostamente extraterrestres atacando a população de Vigia.

A segunda análise de matéria sobre o assunto é do jornal *A Província do Pará*⁵, um jornal bem recheado de fotografias, desenhos e muitas propagandas espalhadas por todas as suas páginas. Era composto por cerca de 28 a 30 páginas divididas em dois cadernos, de segunda a sábado, e 70 a 75 páginas no domingo, com 6 cadernos.

O primeiro caderno das edições que circulavam de segunda a sábado, era dedicado ao noticiário da cidade de Belém e do estado, a aspectos políticos nacionais e internacionais, com destaque para

⁵ O periódico de mais longa duração no estado, foi criado em 25 de março de 1876 e encerrou suas atividades em 2001 completando 125 anos de publicação. Os responsáveis pela sua fundação foram

três importantes figuras na sociedade paraense, Joaquim José de Assis, Francisco de Souza Cerqueira e Antônio Lemos. O jornal retornou em 2018 em uma versão online no endereço eletrônico aprovinciadopara.com.br/

constantes notícias sobre as ações e viagens do então presidente Ernesto Geisel e de seus ministros e para informações sobre acontecimentos importantes mundo a fora. Por último, a seção de polícia, onde nosso objeto de análise apareceu em 7 matérias divididas em 6 edições.

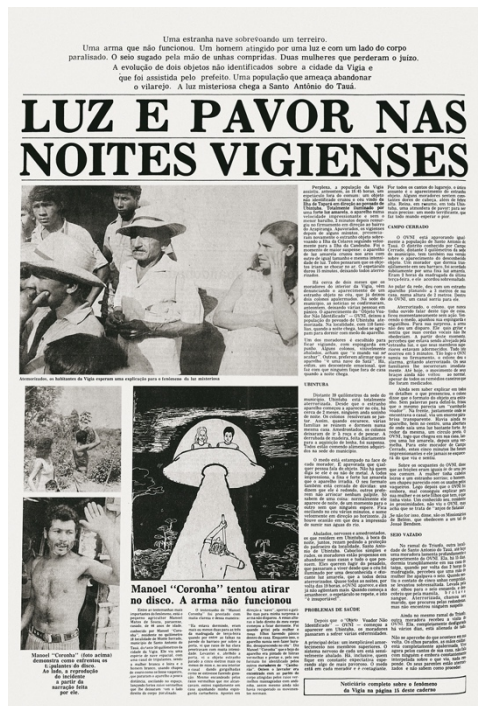
O segundo caderno, assim como *O Liberal*, iniciava com esportes, seguido por um espaço dedicado à economia, com a cotação de moedas internacionais, do ouro e do cobre e informações sobre investimentos, produção e desenvolvimento econômico. Então vinha a coluna social, programação de alguns canais de TV (Marajoara, Liberal e Guajará), e dos cinemas do estado, além de pautas culturais e um espaço dedicado à mulher, com informações de costura, culinária e o horóscopo.

Aos domingos, a *Província* trazia mais um caderno, recheado de crônicas, contos, poesias e ciência. Além de expandir a seção de esporte, com um panorama de tudo que ocorreu na semana, trazia um caderno feminino, com

dicas de beleza e informações de interesse da mulher, e um caderno para crianças com jogos e tirinhas. O jornal também trazia nos finais de semana a posição das marés de quatro balneários do estado.

Em uma quinta-feira, 20 de outubro de 1977, estampou na página 16 de seu primeiro caderno a seguinte manchete, *Luz e pavor nas noites vigienses*. Em sua composição, a matéria vinha acompanhada de três fotografias e um desenho de como teria acontecido o ataque extraterrestre. Com uma narrativa em versos e próxima ao fantástico literário, o jornal inicia seu resumo do ocorrido no centro superior da página.

Figura 3- A Província do Pará



Fonte: Jornal *A Província do Pará*, 20 de outubro de 1977 (operacaoprato.com)

A partir de toda essa composição jornalística da matéria, é possível reconhecer o efeito do fantástico ao qual Motta (2006) se refere. Toda a construção de imagem, diagramação, texto, manchete, permite observar que o repasse de informações do ocorrido vem acompanhado de uma intenção de criar um estado de ânimo no leitor, de alertá-lo que tais relatos não possuem ligação com o mundo racional. Mantendo as características do jornalismo tradicional como identificação das fontes, a matéria

realça o referente e localiza aqueles personagens na realidade, na vida do leitor. Assim, é estabelecido o entorno cultural (extra verbal) necessário para o jogo de sentidos e para o efeito do fantástico.

A matéria afirma que os moradores de Vigia estavam apavorados, que havia luzes estranhas, reforça a ideia de que algo estranho e fora do comum estava acontecendo no local, criando a aura emocional do medo no leitor desde a manchete. O uso do termo “pavor” traz consigo uma carga sentimental de assombro, expressando o sentimento de quem protagonizou aquela história. Tudo isso já deixa claro a transgressão da normalidade e da tranquilidade dos moradores da pequena cidade de Vigia no interior do Pará.

A narrativa detalha que às 18h45 da terça-feira daquela semana (18/10/1977), um objeto voador não identificado, vindo da ilha de Tapará, cruzou os céus com uma velocidade impressionante e iluminado por um forte clarão amarelo. O objeto foi visto sobrevoando mais duas ilhas, a de

Colares e Candeuba, até encontrar-se com outro de igual tamanho e intensidade e juntos sumirem. Segundo a reportagem, tudo durou cerca de 15 minutos e deixou a população completamente apavorada e assustada. O pavor era tanto que as famílias decidiram começar a dormir juntas, ninguém mais saía de casa à noite e um membro era escolhido para ficar vigiando os céus com espingarda em punho.

Em outro momento, o jornal abre espaço para que uma testemunha, considerada pelo noticiário como a mais importante, descreva o que viu, um objeto estranho emanando luz forte sobrevoando sua casa com dois seres gargalhando. Sua atitude foi a de pegar a espingarda e tentar atingir a suposta nave, mas sua arma falhou e um lado de seu corpo foi temporariamente paralisado enquanto o objeto sumia no céu.

A construção textual da matéria busca deixar claro que aquele relato aconteceu no mundo real e com pessoas reais não somente através da identificação da ocorrência, mas também da

identificação com nome, sobrenome, idade e ocupação dos envolvidos, incluindo os supostos seres extraterrestres. Essa verossimilhança pretende criar o efeito do real, garantindo credibilidade ao relato, como ocorre na literatura (MOTTA, 2006). Isso ainda reforça a ideia de Todorov (1975), que considera essencial para a existência do fantástico que o leitor precisa se identificar com algum personagem da narrativa.

Para Motta (2006), existem dois níveis importantes na transmissão da notícia. O primeiro é o explícito e se refere ao ato de informar e repassar a informação para o receptor de maneira objetiva e concreta. O outro nível vê a ação principal concentrada no destinatário, pois é ele quem completa a experiência comunicativa. Por isso, fazer o destinatário se encontrar na notícia através dos detalhes do local são tão importantes.

*O Estado do Pará*⁶ traz a terceira matéria objeto de análise neste artigo. O jornal era composto por três cadernos divididos em seções, iniciando com *urgente*, cujas páginas traziam as notícias mais importantes, e como o nome sugere, urgentes do Brasil. Em seguida, as seções de *Política, Economia, Nacional, Mundo e Cidade*, sendo esta última com o maior número de páginas no primeiro caderno e repleta de notícias sobre os acontecimentos em Belém e no interior do estado, assim como as ocorrências policiais. Mais uma vez, é aqui onde aparecem os relatos do Chupa-Chupa, sempre na parte dedicada às notícias sobre os crimes cometidos na cidade.

O jornal *O Estado do Pará* foi o que mais trouxe relatos do fenômeno, com 9 matérias, todas muito bem redigidas e abrangentes sobre o assunto. Na edição do dia 18 de novembro de 1977, por exemplo, além de trazer um enorme relato de algumas vítimas, fez um dossiê acerca

da existência dos discos voadores através da história desde antes de Cristo. No rodapé, uma chamada em negrito "Amanhã (19): A invasão dos marcianos". Em um sábado, 19 de novembro de 1977, dedicou uma página inteira para falar sobre o fenômeno sob o título *Marcianos estão chegando*. A narrativa foi dividida em três espaços. O primeiro traz um relato na íntegra de um sobrevivente ao suposto ataque alienígena. Mais uma vez o texto busca relatar que a história aconteceu no mundo real e com pessoas reais.

Figura 4- *O Estado do Pará*

⁶ Fundado por Justo Chermont, um político de grande influência na década de 1920, em 9 de abril de 1911 circulou até dezembro de 1980, por 69 anos. Buscava trazer informações das mais variadas fontes para o estado do Pará assim como também relatos do Brasil e

do mundo em suas 4 páginas ou 8, dependendo do volume de fatos a serem noticiados.



Fonte: Jornal *O Estado do Pará*, 19 de novembro de 1977 (operacaoprato.com)

Antes do relato em si, há um pequeno panorama explicando com detalhes onde e quando ocorreu o ataque da luz perfurante. Segundo o jornal, o ataque ocorreu na capital do Pará, Belém, na rua 9 de Janeiro entre Oliveira Belo e Antônio Baena, na casa de número 13. O relator foi um estudante cujo nome está completo na matéria e figura como o principal personagem da narrativa. O estudante, de acordo com o jornal, pensou até mesmo em suicídio, “desesperado de que o ataque possa ocorrer de novo”, e é descrito como hesitante e

apavorado, chorando a todo instante ao relatar o que havia acontecido.

Eu senti penetrar um negócio eu lembro benzinho (...). Aquilo penetrou assim, sabe, dentro de mim, na minha cabeça. Não conseguiu penetrar tudo porque eu corri. Eu corri mesmo e gritei. Era o calor escurecendo, o calor de quem queria se liberar daquela força. Uma força estranha mesmo que eu não sei como porque consegui arrastar meu cunhado e minha irmã. Não sei por que eu consegui arrastar os dois e jogar na parede (...). Eu acho que foi a luz, assim como um foco, quente mesmo, de a pessoa ficar maluca. E aquela quentura dá uma força na pessoa. (O ESTADO DO PARÁ, 1977, p.12)

Essa descrição do emocional do estudante, mais seu relato na íntegra, tem papel pictórico, uma vez que revela sua relação com o objeto e revela o marco ambiental do ataque. É um tipo de efeito que busca criar um suspense, uma aura sobrenatural constituinte de uma narrativa fantástica. O relato em uma via da capital do Pará traz consigo uma carga de intranquilidade para os leitores do jornal, já que os “extraterrestres” estariam cada vez mais pertos e mais agressivos. A construção da matéria caminha para chamar o leitor para a história e ficar apreensivo, assim como o estudante e

outras testemunhas, envolvendo o leitor no clima e levando-o a sentir-se como eles.

Considerações finais

A partir da análise das três matérias jornalísticas pode-se notar a linguagem retórica de cada uma das narrativas, fugindo da usual forma de contar a notícia, o que evidencia uma licença poética muito maior nas notícias do fantástico do que teria uma notícia comum. Mesmo com uma liberdade maior para a literalidade, a construção narrativa toda foi criada para manter a seriedade do fato jornalístico. As três matérias vêm acompanhadas de imagens, como o desenho dos “possíveis” extraterrestres e fotos das testemunhas e dos locais do ataque, como recurso simbólico para qualificar a notícia e os acontecimentos sobrenaturais, procurando reforçar a hesitação e levar o leitor para esse estado de medo.

Ao introduzir as matérias em cadernos como o de polícia, como fizeram *O Liberal e A Província do Pará*, ou de cidades, como fez *O Estado do Pará*, os

jornais introduziram o fantástico na realidade de Belém e de outros municípios localizados na região Norte do Brasil, em meio a tragédias do dia a dia da cidade. Infelizmente não foi possível saber se houve aumento ou não de vendas ou o aumento das tiragens dos jornais no período dos relatos do fenômeno do Chupa-Chupa.

O jornalismo analisado neste artigo flerta com o fantástico literário, cria no leitor um estado de ânimo, de hesitação como define Tzvetan Todorov (1975). A presença do fantástico transgride o real, assombra diante do sobrenatural; a verossimilhança criada pela tessitura da intriga na narrativa jornalística aumenta o fator medo, fazendo o leitor não duvidar de que aquilo que está lendo é real.

O estudo dessas três notícias sobre o fenômeno do *Chupa-Chupa* revela que há uma força elocutiva que vai muito além do ato de informar, esses relatos estão repletos de significações. Sua linguagem escorrega um pouco mais para elementos estéticos de outros gêneros, prioriza-se o lado dramático com o uso de verbos de

sentimento, combina-se o *mythos* com o *logos* sem perder a referencialidade. A construção da notícia do fantástico nos permitiu observar os mecanismos de criação utilizados pelos jornalistas para criar um estado de ânimo no leitor. E o jornalismo mostra seu fascínio pelo sobrenatural, por ocorrências que fogem da ordem do comum, pelo ambíguo, e o prioriza sempre que pode, mostrando como o insólito é um valor-notícia forte, cujo poder transforma a maneira de contar uma notícia.

Referências

BAL, Mieke. **Teoría de la Narrativa (Una introducción a la Narratología)**. Madrid: Ediciones Cátedra, S. A., 1990.

DUCH, Lluís. **Mito, interpretación y cultura**. Barcelona: Herder, 1998.

DUCH, Lluís. **Simbolisme i salut**. Barcelona: Editora Abadia de Monserrat, 1999.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix / Edusp, 1988.

_____. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

JÁCOME, Phellipy. Quem conta um conto aumenta um ponto? In: LEAL, Bruno Souza, ANTUNES, Elton, VAZ Paulo Bernardo (Orgs). **Para entender o Jornalismo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014, p.187-197

LAGE, Leandro Rodrigues. Contribuições da hermenêutica de Paul Ricoeur para uma teoria da narratividade jornalística. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 09-19, jan. 2019. ISSN 1984-6924. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2018v15n2p09>>. Acesso em: 3 de março de 2019.

LOVECRAFT, Howard Phillips. **O horror sobrenatural na literatura**. Tradução de Celso M. Parcionik. São Paulo: Iluminuras, 2008.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MANNA, Nuno. O esqueleto no armário da redação – A impertinente relação entre o fantástico e o jornalismo. In: LEAL, Bruno Souza; DE CARVALHO, Carlos Alberto. **Narrativas e poéticas midiáticas: estudos e perspectivas**. São Paulo: Intermeios, 2013, p.191-206.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Jornalismo e configuração narrativa da história do presente**. E-Compós, n. 1, v. 1, p. 1-26, 2004.



DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2526-8031.2020v4n1p58>

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Notícias do Fantástico**. 1. ed. Porto Alegre: Editora Unisinos, 2006.

PONTE, Cristina. **Para entender as Notícias**. Linhas de análise do discurso jornalístico. 1. ed. Florianópolis: Editora Insular, 2005.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa histórica**. Tomo I. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

SEIXAS, L. VALORES NOTÍCIA: uma proposta de análise. **Revista Observatório**, v. 4, n. 4, p. 334-366, 29 jun. 2018.

SILVA, Gislene. A ENGRENAGEM DA NOTICIABILIDADE NO MEIO DO REDEMOINHO. **Revista Observatório**, v. 4, n. 4, p. 308-333, 29 jun. 2018.

SILVA, Gislene. **Imaginário coletivo: estudos do sensível na teoria do jornalismo**. *Revista Famecos, Porto Alegre*. v. 17. n. 3, p. 244-252, setembro/dezembro, 2010.

SILVA, Juremir Machado. **A questão da técnica jornalística: cultura e imaginário**. *Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia*, Porto Alegre, n. 39, p. 13-18, ago. 2009.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

Sites

UFO, "Novas informações sobre a Operação Prato II". Edição 249. Disponível em <<https://ufo.com.br/artigos/novas-informacoes-sobre-a-operacao-prato-ii.html>> Acesso em: 10 de Março de 2017.

Periódicos

LUZ e pavor nas noites Vigienses. **A Província do Pará**. Belém, 20 out. 1977, 1º caderno, p. 16.

MARCIANOS estão chegando. **O Estado do Pará**. Belém, 19 nov.1977, p.12.

BICHO Sugador ataca mulheres e homens em povoado da Vigia. **O Liberal**. Belém, 08 de out. 1977, p.16.